

RESENHA DO LIVRO “ATUALIDADE LATINO-AMERICANA E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO” DE LAÉRCIO ANTÔNIO PILZ

Marco Antônio Raphael¹

Laércio Antônio Pilz é Doutor e Mestre em Educação pela UNISINOS, São Leopoldo – RS, e Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada, Viamão - RS. Atua como Professor de Ética e Antropologia Filosófica e é Coordenador Adjunto da Formação Humanística da UNISINOS. Tem ainda vasta experiência como professor de História em escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Na presente obra proposta pelo Autor – A, que inicialmente foi apresentada como um manual de apoio aos seus alunos do curso à distância, encontra-se uma linha de pensamento que interliga em sete capítulos uma temática muito atual. Embora a obra tenha sido publicada de forma impressa em 2012 e digital em 2013, sua leitura é extremamente coerente com o momento atual. Diante do momento delicado vivenciado pela humanidade, por ocasião da pandemia do COVID-19, especialmente o continente latino-americano tendo como possível novo epicentro o Brasil, temos na obra uma linha de reflexão muito interessante. Voltada a uma formação integral dos estudantes e leitores, são apresentados três eixos temáticos: a formação antropológica, o contexto da América Latina - AL e a formação ética como fundamento da moralidade e da ética.

O A apresenta de maneira clara, sintética e pedagógica a atual situação latino-americana convidando os leitores a revistarem a história, e a partir de então, olharem as perspectivas futuras que perpassam pela apropriação cultural das novas tecnologias da informação e seu uso de maneira autônoma e inteligente. Focando na singularidade da história da AL a obra apresenta com uma reflexão bastante crítica as questões étnico-raciais, bem como os desafios contemporâneos da utilização das novas tecnologias. É preciso segundo Pilz revisitar a história e perceber a riqueza da diversidade cultural e as particularidades. Dessa forma, se amplia os horizontes e compreende-se melhor a realidade atual para que seja possível nortear a vida e a cidadania após essa tomada de consciência.

No primeiro capítulo, a história e a identidade da AL são regatadas pelo A. O questionamento de quem são os verdadeiros latino-americanos é deixado em segundo

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru – SP, e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte – MG. E-mail: marcoraphael@live.com.

plano. Desse modo, a responsabilidade de reescrever a história é de todos juntos, sempre objetivando a justiça e a cidadania. O passado de exploração e de injustiças permanece presente, é preciso então refletir como superar essa realidade. A diversidade cultural é algo que identifica a sociedade da AL, mas que muitas vezes foi deixada de lado pelos colonizadores, que buscaram conquistar e dominar tantos os povos originários.

O espírito de conquista e dominação dos europeus viram as terras latino-americanas como mero objeto. Uma imposição que saqueou, humilhou e dizimou muitos ameríndios. As populações negras também, ao serem trazidas como mão de obra escrava, sofreram explorações e castigos. Infelizmente, encontramos na sociedade os reflexos desses momentos tão desumanos, principalmente nas relações de trabalho. A exploração europeia visava abastecer o seu mercado, sem levar em conta a realidade e marginalização do território explorado.

O autor trata da importância da democracia, realidade ainda hoje muito frágil, que precisa ser solidificada para que haja de fato a justiça e a solidariedade com todos. Os colonizadores, homens “brancos”, menosprezaram a diversidade étnica e cultural das sociedades latino-americanas. A identidade dos povos, bem como sua diversidade foi irrelevante para o processo de dominação e imposição do modelo Ocidental, proveniente da Europa. Essa ausência de identidade contribuiu para que houvesse a dificuldade da unidade. A rosto da AL que é diverso e múltiplo, e por muito tempo foi manipulado para ser monótono e uniforme. Apesar das particularidades de cada país, os povos latino-americanos tem muitas lutas e expressões que se assemelham e os unem.

A formação nacional e a integração é o tema do segundo capítulo. Os surtos de autoritarismos, que apresentavam como desculpa a organização do caos, deixaram de lado a democracia e participação popular. A potencialidade da troca de cultura, das fronteiras flexíveis e do diálogo são atualmente grande esperança nessa era da comunicação aberta, para que ao contrário dos totalitarismos haja uma integração continental na AL.

A participação popular através do diálogo com a diversidade demonstra que o interesse do Estado não pode ser apenas econômico ou ideológico. Não se pode fragilizar a democracia, os cidadãos devem participar ativamente das decisões, não pode haver espaço para os jogos políticos ou interesses privados. É possível perceber que a multiplicidade não se faz presente na organização do Estado Nacional. Este deveria reconhecer-se a partir da realidade de seu povo: diverso e desigual. Impera muitas vezes a lógica do poder, onde o preconceito e a lógica da participação são deixados de lado.

É preciso então, o incentivo a integração cultural que reconhece a diversidade da identidade, e importância da abertura ao outro, ao diferente como algo que fortalece. Os desafios atuais são muitos. Segundo o A. um modelo comum não consegue abarcar toda a realidade latino-americana, que com sua multiplicidade se demonstra tão rica. Alguns dos grandes desafios são o respeito à diversidade e as lutas que aproximam a todos da AL, pela economia, resistência ao poder hegemônico global, pela valorização dos povos indígenas e dos negros, e a importância da participação popular. Diante disso, ainda encontra-se a necessidade de priorizar a educação, incentivar aos jovens na utilização das tecnologias digitais e na crítica a massificação e alienação cultural.

O terceiro e o quarto capítulo apresentam duas realidade marcantes da AL, a história de sofrimento e dominação vivenciada pelos povos indígenas e negros. Não se pode falar da história da AL sem revisitar o contexto triste e desumano com que esses povos foram tratados, e ainda são através da marginalização e preconceito por uma parcela da sociedade dos “brancos”. Toda a destruição de um mundo histórico, das identidades e culturas de ambos os povos é algo que sempre deve ser lembrado. A necessidade de revistar o passado para compreender o presente e preparar o futuro fica nítida nestes dois capítulos.

O A apresenta com detalhes as lutas dos indígenas e dos negros pela valorização de suas histórias e identidades. A visão reducionista, preconceituosa e exploratória predominou por séculos, sendo sentida até hoje pela sociedade latino-americana. Segundo Pilz, é possível aprender muito com os povos que foram tão explorados. A visão de mundo são grandes ensinamentos para que haja uma revisão do modo como a sociedade tem vivido nos últimos séculos. De maneira tocante, o momento delicado que o mundo vive hoje tem muito a aprender com as culturas de superação e determinação das populações indígenas e negras, que compõe a riqueza continental.

O quinto capítulo começa então a apresentar as luzes que o A encontra para o desenvolvimento a partir do contexto e realidade da AL. Para isso, ele apresenta o enfrentamento a três falácias: crítica radical ao Estado, o crescimento econômico e o bloqueio da participação comunitária. Pilz inicia falando sobre o crescimento econômico que não basta por si só, pois reduz a vida das pessoas a meros números. Diz ainda, que o importante é o comprometimento da economia com a dignidade da vida das pessoas. Caso contrário perderá todo o sentido dos esforços em prol da economia. A melhoria da sociedade deve ser o objetivo, não pode haver uma “maniqueização do Estado”, mas sim descobrir sua importância e capacidade de atuação na transformação da sociedade e

consequentemente da vida das pessoas. O bem comum e a cidadania devem nortear a ação da economia e do Estado, prezando sempre pela participação social. Não se pode segundo o A reduzir a um confronto entre o Estado e a Sociedade Civil, mas ao contrário, é necessário que se busque uma unidade em prol da vida.

As tecnologias sociais e a sustentabilidade são os enfoques dados pelo A no sexto capítulo. Só há sentido no surgimento das novas tecnologias, se elas proporcionarem uma qualidade de vida e dignidades das relações humanas e com a natureza. O bem-estar social deve então ser o fator determinando deste momento pelo qual vive a sociedade da informação e da tecnologia. As novas tecnologias podem e devem então serem utilizados para facilitar e contribuir com a melhoria da vida. Nesse sentido, o poder dado por aqueles que fazem uso desses meios, contribui para o fortalecimento da sociedade pautada pela democracia e pela participação popular.

A carta da Terra é apresentada para falar da necessidade e importância da sustentabilidade. A tecnologia então deve perpassar pela valorização e consciência ecológica. Pois tudo está interligado, e as relações existentes influenciam no mundo e nos resultados de qualidade e dignidade da vida. Pilz fala da importância do cuidado com a natureza, da qual os seres humanos fazem parte, caso esse cuidado não ocorra a existência humana e a vida de forma geral correm sérios riscos.

Por fim, o sétimo capítulo completa o caminho percorrido pelo A. Apresenta a sociedade da informação, que reconhecendo sua história e perspectiva é capaz de transformar a realidade. A era da sociedade da informação, onde se diminuem as distâncias e se multiplicam os acessos deve ser guiada pela educação e pela cultura.

Não tem sentido todo o desenvolvimento da tecnologia se não tiver como finalidade a possibilidade de oferecer uma vida melhor e mais digna para as pessoas. O A apresenta então com uma luz de esperança para a sociedade latino-americana, que foi ao longo dos séculos tão machucada, uma possibilidade de superação e envolvimento. Através do bom uso das tecnologias, e do acesso a informação, pode-se reconstruir a história, mostrando a importância que cada pessoa, que cada etnia ou grupo social tem na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

A leitura da obra é muito agradável, pois o autor constrói o seu raciocínio desmitificando realidades que compõe a história da AL. Em cada capítulo se conectam as ideias e o leitor pode ir percebendo que faz parte ativa dessa história que não parou no tempo, mas continua aberta ao futuro. Para que não haja preconceito ou exclusão de nenhuma identidade e cultura, é necessário perceber e dialogar com as diferenças. A

linguagem clara e sintética proporciona o envolvimento do leitor com o texto, e o leva a reflexão a partir do conjunto da obra.

A obra apresenta importantes chaves de reflexão e releitura do atual momento da sociedade latino-americana. A era da informação é uma realidade cada vez mais presente e influenciadora nas relações humanas. Também a Teologia, bem como seus estudos são impactados por esse momento marcante na história humana. A utilização das novas tecnologias para o estudo e aprofundamento teológico são tão presentes neste momento que já ouvimos falar em “ciberteologia”, termo cunhado pelo jesuíta Antônio Spadaro, em seu livro *Ciberteologia*, publicado pela Paulinas, onde o cristianismo é repensado diante de uma sociedade cada vez mais conectada, percebendo o ambiente digital como lugar teológico. Nossos cursos de Teologia são cada vez mais inseridos nesse contexto, o que contribui para um melhor aperfeiçoamento dos estudos e reflexões, cria-se uma conexão entre as experiências da fé e da vida em rede. Um vasto campo a ser explorado, e que contribui muito especialmente neste momento de crise enfrentado pela sociedade. Multiplicam-se os cursos e conferências via plataformas digitais onde as distâncias são rompidas. Grande exemplo são as aulas realizadas de forma virtual durante este período de pandemia, possibilidade de descoberta de uma nova modalidade de ensino, que vai além de uma educação à distância. Isso tudo demonstra que o momento de crise é de fato oportuno para o crescimento e construção de uma nova história.

Referência

PILZ, L. A. *Atualidade latino-americana e sociedade da informação*. 1. Ed. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

Recebido em: 12/05/2020

Aprovado em: 18/05/2020